

LUIZ FERREIRA

9 de agosto a 8 de setembro



Rua Araújo Porto Alegre, 80 - RJ

GALERIA **SERGIO MILLIET**

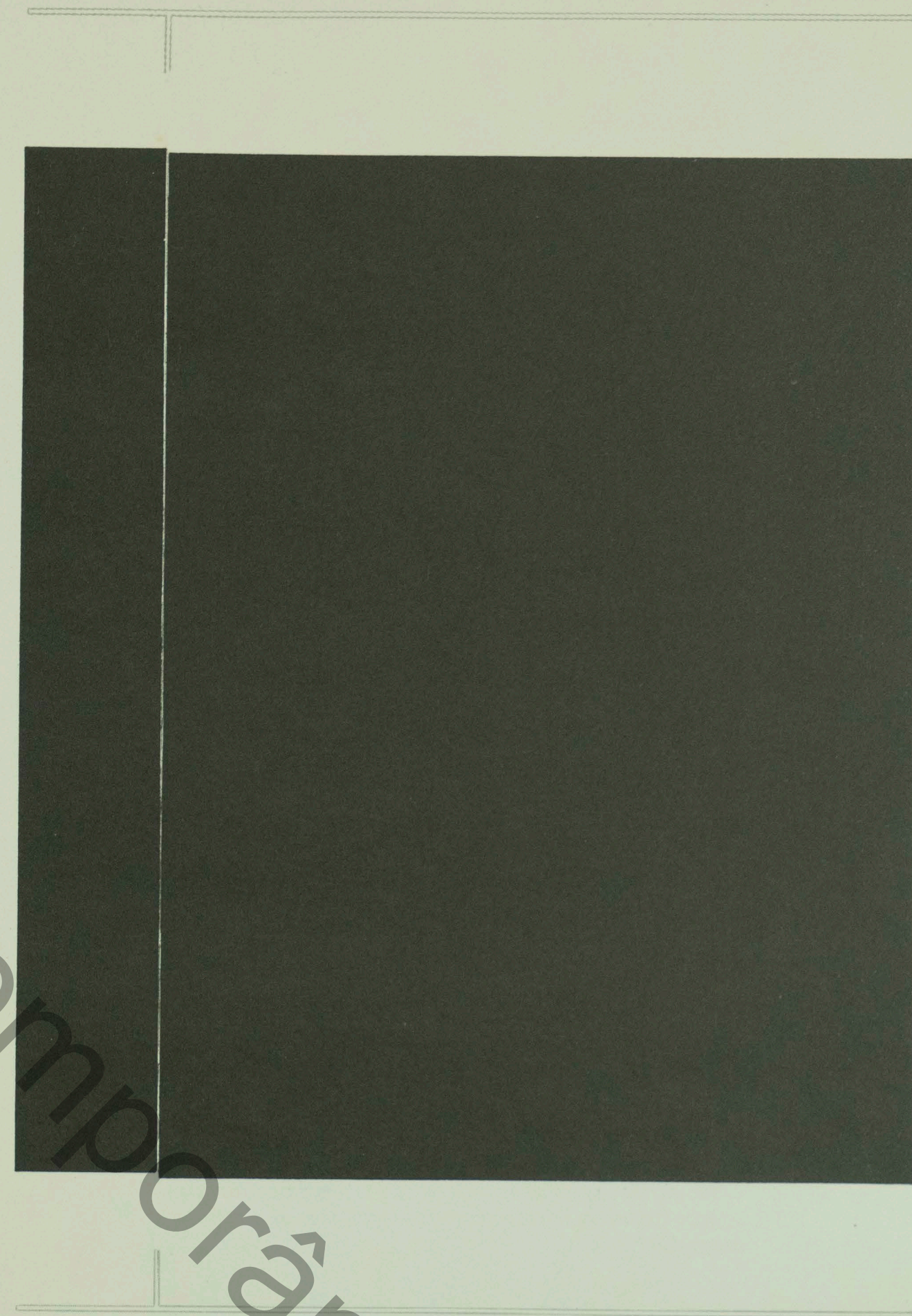
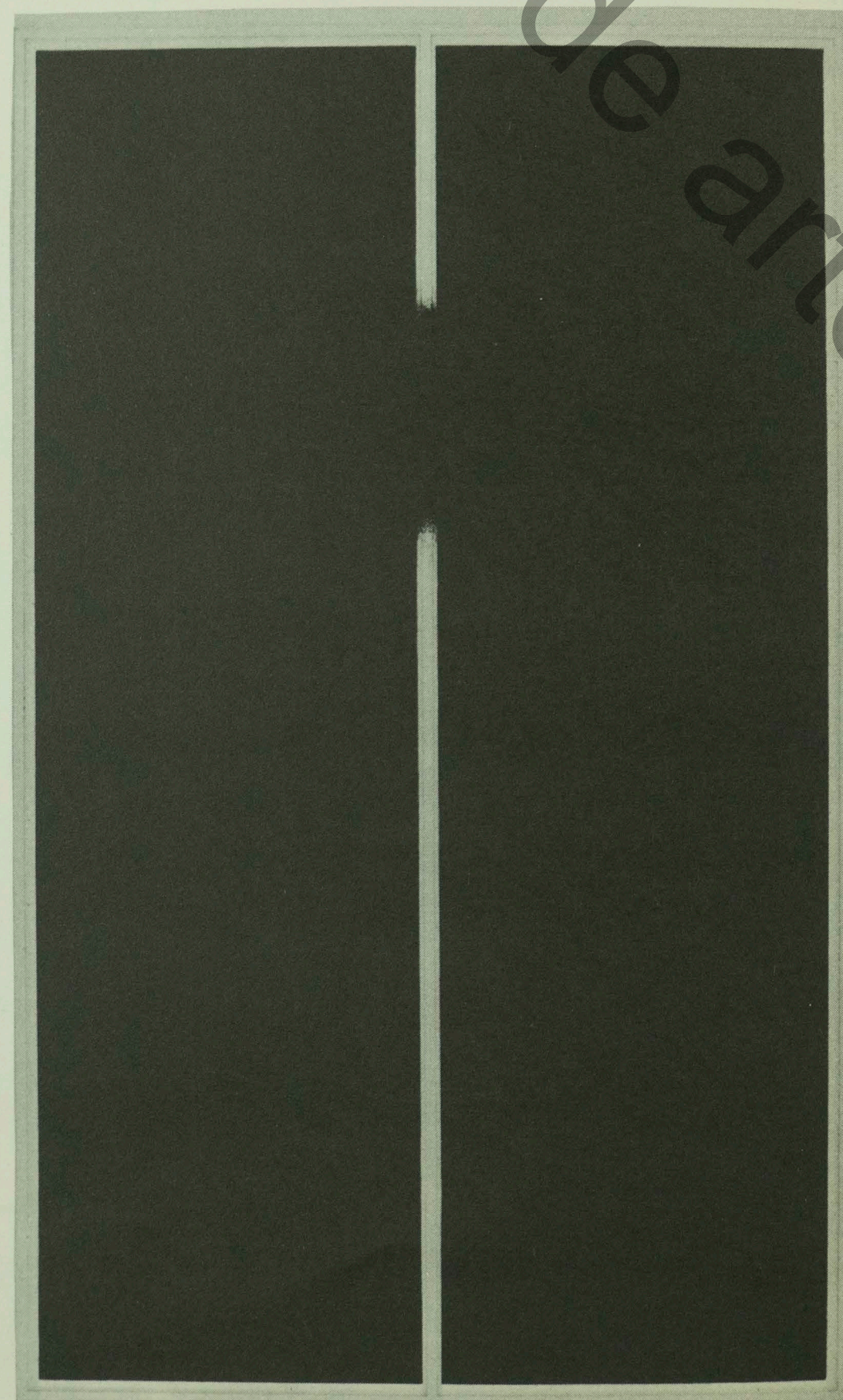
Funarte / Instituto Nacional de Artes Plásticas 1983

Luiz Ferreira (RJ, 1953)

Em 1968 e 1969 estudou desenho e pintura sob a orientação de Ivan Serpa; entre 1970 e 1974 estudou desenho e pintura sob a orientação de Ivan Serpa e Bruno Tausz no Centro de Pesquisa de Arte; em 1977 fez o curso de serigrafia na Escola de Artes Visuais, sob a orientação de Maria Carmen Albernaz.

Coletivas: XI Prêmio Internacional Dibux Joan Miró, 1972. Plásticos: projeto coletivo envolvendo o plástico como suporte, na Escola de Artes Visuais, RJ, 1978. Criação coletiva baseada na transformação do trabalho de arte através do convívio em grupo, Aliança Francesa de Botafogo, RJ, 1979; Contemporary Brazilian Works on Papers, Nobé Gallery, New York, 1979; Configuração, Fundação Clóvis Salgado (BH), Fundação Cultural de Curitiba, Fundação Cultural do Distrito Federal (Brasília), Museu de Arte Contemporânea (São Paulo), 1980; IV Salão Nacional de Artes Plásticas, MAM, RJ, 1981 – 6º Salão Carioca. 1982. "Libres D'artista / Artist's Books" 1981. Metronom – Barcelona.

Individuais: Centro de Pesquisa de Arte, RJ, 1973; Galeria Bonino, RJ, 1982.



MEC/SECRETARIA DA CULTURA

instituto de arte contemporânea

A
NAR
UNART
FUNARTE
UNART
NAR
A

N formas e nenhuma

Não se trata de justificar ou referendar uma linguagem ou alguma coisa.¹ O movimento é de tentar destituir o trabalho de qualquer 'estilo', de qualquer padrão formal que possa situá-lo em alguma categoria estética — não fechar questão. Assim, o trabalho pode desprender-se integralmente da idéia de modelo ou fazer de qualquer idéia o seu modelo ou de qualquer modelo a sua idéia. Tudo se passa no conjunto das relações que são estabelecidas no todo do trabalho — 'intra-muros'. Nesse caso, imprime, descompromissadamente, diversos tratamentos formais à imagem, passando da ilustração, com fortes referentes empíricos, a construções de natureza gráfica ou construtiva. Da paisagem à abstração, entretanto, os saltos não parecem querer ser mortais. Nenhum segmento do trabalho parece prescindir do outro, por um artifício forjadamente narrativo que simula uma passagem, uma relação qualquer analógica entre eles. Uma montagem seqüencial, reforçada por associações textuais que se propõem a funcionar como pistas para uma percepção inequívoca das imagens, é inventada de forma a cumprir esse falso papel 'orientador de leitura'. Mas o espectador será necessariamente desarticulado em sua ânsia de apreender o significado desse conjunto 'articulado' de imagens e palavras. O trabalho pode deter-se, não raras vezes, apenas na esfera do significante, além de reunir associativamente elementos virtualmente dissociados. Talvez ocorra o simulacro de um ordenamento, de uma narratividade — quer a nível de montagem, quer a nível de certos desenhos, quando ocorre uma estrutura descritiva — como a supor algum momento de apreensão total do objeto, de fechamento da idéia. Mas o sujeito não terá acesso ao objeto, à 'linguagem' do trabalho, mesmo porque ele, por si mesmo, se incumbirá de puxar-lhe o tapete sob os pés (ou sob os olhos, ou sob a cabeça), justo no momento em que estiver prestes a crer que o domina. E não havendo certezas, não há culto. O preciosismo no bem-fazer; as superfícies limpas, bem acabadas; o domínio técnico de um instrumental preciso; o provimento, no desenho de certas qualidades artesanais, propiciando um ar de 'sedução' visual; todos os indícios de interferências fetichizantes neste trabalho fracassam, na dialética inteligente deste jogo de 'contra-informação' que constrói, obstinadamente, como Sísifo, o alvo de sua destruição.

Ligia Canongia

¹ citação do artista

